

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BIBLIOGRAFIA. ROYAL COMMISSION ON HISTORICAL MONUMENTS OF ENGLAND -AN INVENTORY OF THE HISTORICAL MONUMENTS IN THE CITY OF YORK.

ALARCÃO, Jorge de

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

ALARCÃO, Jorge de, Bibliografia. ROYAL COMMISSION ON HISTORICAL MONUMENTS OF ENGLAND -An inventory of the Historical Monuments in the city of York. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4) Jul.-Dez. 1962, p. 451-454.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

do guerreiro inspira-se no capacete encontrado no Tamisa, perto de Waterloo Bridge.

Lady Fox interrompe a história da Bretanha nos meados do séc. II; «durante mais de duzentos anos a Bretanha prosperou sob o domínio dos romanos; a vida era fácil, havia fartura de tudo, podia viajar-se sem perigo, havia paz e o povo sentia-se em segurança». A autora aproveita este intervalo para descrever a máquina governamental, as cidades e a vida urbana, as vilas e os trabalhos do campo, as indústrias, a religião, a vida quotidiana dos Bretões. E a história recomeça quando, no século IV, a Bretanha começou a sofrer os ataques de Pictos, Francos e Saxões; a autora descreve a organização da linha defensiva conhecida por Saxon Shore, a decadência das cidades, a escassez da moeda, a evacuação da província pelos Romanos.

Para os que, interessados por esta história, quiserem saber mais sobre a Bretanha Romana, Lady Fox apresenta uma pequena bibliografia, bem seleccionada.

Excelente e barato, este livro enriquece a já notável bibliografia de obras de história e arqueologia escritas, em língua inglesa, para crianças, e ficará como um modelo para obras similares, em outras línguas.

Royal Commission on Historical Monuments of England — **An Inventory of the Historical Monuments in the City of York** — Vol. I: **Eburacum, Roman York**. 1962 XLIV+168 pp., 61 estampas e 90 figuras no texto.

O *Inventário* dos monumentos romanos de York — vigéssimo segundo dos *Inventários* publicados pela Royal Commission on Ancient and Historical Monuments — contém: uma introdução sobre a história de *Eburacum*; uma descrição, magnificamente ilustrada, dos monumentos romanos da cidade; um estudo sobre os vasos de vidro e outro sobre os objectos de azeviche encontrados em York; uma bibliografia e glossário.

A *Introdução* sobre a história de *Eburacum*, assinada por I. A. Richmond, não é uma história definitiva da

cidade, pese ao Marquês de Salisbury, que assim a define no Prefácio deste volume. Richmond conhece como ninguém os monumentos e história da Bretanha Romana e não lhe faltam excelentes qualidades de exposição e de síntese, demonstradas, por exemplo, em *Roman Britain* (The Pelican History of England). A intenção de Richmond, porém, neste volume, não foi apresentar um quadro completo e definitivo de *Eburacum*, mas apenas os fastos principais da história da cidade; antes de poder traçar-se um quadro definitivo será necessário publicar-se um novo catálogo dos muitos achados guardados no Yorkshire Museum (o catálogo de 1891, como aliás se reconhece neste volume, está há muito desactualizado); e será necessário escavar áreas que podem ainda conter ruínas e sepulturas. Assim entendida, a *Introdução* tem de considerar-se um belo estudo sobre a história de York. Alguns pontos, porém, merecem reparos.

Dentre as razões que levaram à escolha da confluência dos rios Ouse e Foss para o estabelecimento de *Eburacum*, Richmond distingue as militares: *Eburacum*, diz, era um ponto vital e as conexões com Gloucester e Wroxeter eram excelentes: em Gloucester encontrava-se a Legião XX e em Wroxeter a XIV; esta deixou a Grã-Bretanha em 70 d. C. e Wroxeter foi possivelmente ocupada pela Legião XX; o lugar desta em Gloucester deve ter sido ocupado pela Legião II.

As fontes para a história das deslocações das legiões romanas na Bretanha são escassas e os movimentos apresentados por Richmond são hipotéticos. As escavações de Hod Hill, onde se manteve, por algum tempo, um destacamento da Legião II Augusta, virão talvez lançar alguma luz sobre as deslocações desta legião: terá ela ocupado Gloucester à volta de 70 d. C., antes de ser transferida para Caerleon no tempo de Frontinus (c. 75 d. C.?). Por volta de 60 d. C., Gloucester era um ponto vital que não podia ser desguarnecido; mas, c. 70 d. C., a situação militar em Gloucestershire e Monmouthshire era diferente; se (como G. Webster sugeriu) os romanos tomaram posições na margem esquerda do Severn no tempo de Didius Gallus, Gloucester perdeu então grande parte da sua importância. Por outro lado, a hipótese de a Legião XX ter sido transferida de Gloucester para Wroxeter não nos parece

melhor do que a hipótese de uma deslocação directa de Gloucester para Chester.

As muralhas do forte legionário de *Eburacum* foram reconstruídas no tempo de Constâncio Cloro e providas de torres poligonais imponentes. Richmond sugere (p. XXXIV) que isso foi para dar magnificência à residência do Dux Britanniarum.

Não pode porém provar-se que o cargo de Dux Britanniarum já existia no tempo de Constâncio Cloro. O cargo de *dux* foi criado nos fins do séc. III ou inícios do IV, isto é, quando se separaram os poderes militares dos civis; o *dux* passou a exercer o comando militar e ao *praeses* ficaram apenas os poderes civis. Ora a inscrição de Birdoswald, que se refere a reconstruções feitas naquele forte no tempo de Constâncio Cloro e sob a autoridade do *praeses*, mostra que, no tempo de Constâncio Cloro e pelo menos na Bretanha, os *praesides* tinham poderes civis e militares; isto é, não se tinha operado a separação dos poderes e portanto não se tinha ainda criado o cargo de *dux*.

A p. XXXIV, Richmond sugere que as legiões da Bretanha foram reorganizadas no tempo de Diocleciano ou Constantino e que, nesta altura, houve redução de efectivos; isto é duvidoso, pois não podem citar-se exemplos de a área das fortalezas ou das casernas ter sido reduzida.

Eburacum não teve o destino de *Calleva Atrebatum* (Silchester), que foi abandonada nos alvores da Idade Média e onde nunca mais se ergueram edifícios; em *Eburacum*, as construções medievais sucederam-se às romanas e as modernas às medievais. Assim, as ruínas romanas visíveis em York são escassas, e um *inventário* reduzido à descrição dessas ruínas seria curto e de pouca utilidade; os editores resolveram por isso: 1.º inventariar e descrever não só os monumentos visíveis mas ainda os que têm sido escavados e foram subsequentemente destruídos ou reenterrados; 2.º considerar como *monumentos* não só as ruínas de muralhas, edifícios públicos e habitações, mas ainda as estradas e as sepulturas. Cada sepultura é considerada um *monumento* e, como tal, pormenorizadamente descrita: localiza-se com a possível exactidão em referência a um mapa desdobrável que

acompanha o volume, na escala de 6 polegadas para 1 milha (isto é, cerca de 1: 10.500) e ilustra-se, com desenhos e fotografias, o seu conteúdo. Quanto aos edifícios, a descrição de cada monumento é sumária, mas as referências bibliográficas são abundantes e as ilustrações completam e tornam clara a descrição.

O volume inclui também um inventário das inscrições, estátuas e pedras lavradas encontradas em York e guardadas, na maior parte, no Yorkshire Museum; este inventário é uma achega útil para a edição do *Corpus* das inscrições romanas da Bretanha (obra que virá substituir o *C. I. L.* VII e cuja publicação está anunciada para breve) e ainda para a história da arte da Bretanha. É pena que não se tenha incluído uma lista das marcas de sigillata, ânforas e *mortaria* e que não se tenha apresentado a leitura dos graffiti reproduzidos na fig. 87.

Dr. Harden assina um estudo sobre os vidros de *Eburacum* que muito enriquece este volume.

J. M. C. Toynbee, *Art in Roman Britain*. Phaidon Press, London, 1962. VIII + 220 pp e 260 ilustrações.

A *Society for the Promotion of Roman Studies* organizou em Londres, de 27 de Junho a 22 de Julho de 1961, uma exposição de arte da Bretanha Romana. J. M. C. Toynbee, a quem coube a escolha das duas centenas de peças apresentadas (esculturas, baixos-relevos, mosaicos, frescos, objectos de metal, cerâmica e vidro), expõe, na *Introdução* a esta obra, os princípios que presidiram àquela escolha; seguem-se: 261 estampas que reproduzem todas as peças apresentadas na exposição; um *Catálogo* descritivo dos objectos; e ainda um *Glossário* e *Bibliografia*.

A exposição, anunciada como um dos acontecimentos artísticos do ano, subsidiada por *trusts* e universidades, organizada por um *committee* de que faziam parte I. A. Richmond, J. M. C. Toynbee e S. S. Frere, não agradou tanto quanto se esperava. A montagem, confiada a Alan Irvine, não foi feliz (diga-se, entre parêntesis, que as salas de The Worshipful Company